

EDITORIAL

Com grande alegria o IBGE anuncia que está no ar o número 1 do volume 64 da Revista Brasileira de Geografia, que comemora 80 anos de seu lançamento. Para nós a RBG é uma marca importante da trajetória desta casa e do campo de estudos geográficos no Brasil. Buscamos expressar esse contentamento e a disposição de continuar nessa empreitada em diversos aspectos do número que agora disponibilizamos ao público.

A criação da revista em 1939 cumpria o papel de divulgar as bases geográficas e estatísticas para a realização do primeiro Censo Demográfico do Brasil conduzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, realizado em 1940. De lá para cá as tarefas e atribuições, tanto do Instituto quanto da revista, se transformaram muito. O IBGE tornou-se uma Instituição nacional e internacionalmente respeitada, não só pela solidez dos dados que oferece ao Estado e à sociedade brasileiros, e pela sintonia e credibilidade que estabeleceu e tem mantido nas relações com instituições afins, no Brasil e no mundo, e que são determinantes para a atualidade das metodologias que desenvolve e propõe, como também para a comparabilidade das informações que disponibiliza. Por seu turno, a revista desempenhou, durante muito tempo, o papel de difusora de estudos e pesquisas geográficas e cartográficas desenvolvidas pela casa, além de trabalhos produzidos por grandes nomes dos campos geográfico, sociológico, antropológico, climatológico e de várias outras áreas de conhecimento. Sua existência, em tempos de comunicações precárias, lentas e de alto custo, permitiu o acesso a trabalhos e discussões metodológicas para um público sensivelmente mais amplo que aquele em condições de adquirir livros e periódicos e acompanhar novidades científicas apresentadas em congressos internacionais.

A RBG de hoje busca intensificar o intercâmbio do IBGE com instituições de ensino, pesquisa e demais instituições que produzem reflexões sobre diferentes dimensões da sociedade brasileira, porque acredita que a produção de informações não pode prescindir desse contato, sob pena de tornar-se descolada da realidade que pretende retratar.

Esse é um número especial em primeiro lugar porque comemora a atualidade da proposta de um periódico de estudos geográficos que chega aos 80 anos dando mostras de vitalidade. Em segundo, porque a multiplicidade das reflexões que compõem o dia a dia dos técnicos da casa vêm nele representadas pela diversidade de professores, pesquisadores e demais profissionais que se dispuseram a apresentar suas contribuições e críticas para os produtos e projetos aqui desenvolvidos. Finalmente, porque essa edição também se transformou numa homenagem ao professor Jose Manuel Mateo Rodriguez, geógrafo cubano que submeteu artigo e nos deixou antes que a revista fosse ao ar.

Essa edição está dividida em duas partes. A primeira traz as contribuições de professores e pesquisadores de instituições de ensino e organizações sociais acerca do uso que fazem de dados do Censo Demográfico e de outros produtos da casa, destacando a importância da existência do IBGE para a produção de informações que, para além de subsidiar políticas públicas, são de fundamental importância para o exercício da cidadania. Também compõem essa primeira parte trabalhos de técnicos da casa que discorrem sobre a importância dos projetos aqui desenvolvidos. Abre essa edição a contribuição das pesquisadoras Maria Encarnação Beltrão Sposito, geógrafa da UNESP de Presidente Prudente, professora e pesquisadora com significativa produção acerca da questão urbana brasileira e as relações cidade campo, e Catherine Chatel, historiadora e geógrafa da Universidade de Paris, onde desenvolve pesquisas sobre *a interação entre as estruturas espaciais dos sistemas de povoamento e organização das instituições políticas que os produziram*¹. Elas discutem os recortes espaciais produzidos pelo IBGE a partir dos dados dos censos para qualificar o fenômeno urbano brasileiro e suas variações. Outro artigo que destaca a importância das produções da casa é de autoria do professor Paulo Jannuzzi, da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (ENCE), em que o autor observa a relação entre a disponibilidade de Indicadores Sociais construídos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), e a construção de políticas públicas de desenvolvimento social. A professora Olga Firkowski, do departamento de Geografia da Universidade Federal do Paraná, discorre sobre a relevância das pesquisas territoriais desenvolvidas no âmbito da Coordenação de Geografia do IBGE para a análise e compreensão do processo de metropolização do espaço urbano brasileiro. A professora Ligia Vizeu Barrozo, do departamento de Geografia da USP, em coautoria com William Cabral-Miranda e Natalia Bianchi Galvão, ilustra o processo de segregação residencial urbana na cidade de São Paulo a partir da avaliação e monitoramento dos dados do questionário da amostra por área de ponderação dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. Numa contribuição inédita e original Clara Sacco e Juliana Marques, do *data_labe*, um laboratório de dados e narrativas na favela da Maré, Rio de Janeiro, descrevem a participação de jovens da comunidade na construção de um banco de dados que subsidie as interpretações e narrativas de sua realidade, do lugar a partir do qual se inserem na cidade e sobre a própria cidade. Nesse processo, desenvolvem uma relação de apropriação e crítica aos dados produzidos pelo Censo Demográfico. Técnicos ligados ao Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (CEMADEN), em parceria com a Coordenação de Geografia do IBGE, desenvolveram uma metodologia para o mapeamento e caracterização de populações residentes em áreas de risco. A construção dessa pesquisa, seus parâmetros e os dados do censo por eles utilizados compõem o trabalho aqui apresentado.

¹ Segundo a página da autora: "... travaille sur l'interaction entre structures spatiales des systèmes de peuplement et organisation des institutions politiques qui les ont produites.". Disponível em: <<http://e-geopolis.org/equipe/cathy-chatel/page/2/>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

Os quatro últimos trabalhos dessa seção têm autoria de técnicos da casa. Sônia Costa, cartógrafa da Coordenação de Geodesia do IBGE, e Luiz Paulo Fortes, cartógrafo, aposentado pela casa e professor da UERJ, falam sobre os impactos da modernização tecnológica na produção de informações sobre a localização de um ponto qualquer na superfície terrestre e seus reflexos em nosso dia a dia. Um grupo de técnicos da casa, entre eles Mauro César Lambert, Leonardo Bergamini e Frederico Takahashi, todos ligados à Reserva ecológica do IBGE – RECOR, discutem, em dois trabalhos, sobre a importância da existência dessa unidade, destinada a estudos e pesquisas sobre a fauna e a flora do bioma cerrado. No artigo sobre o Herbário, Leonardo Bergamini *et al* apresentam sua estrutura, história, acervo e pesquisas nele desenvolvidas e a ele relacionadas. No artigo sobre a Reserva propriamente dita Mauro César Lambert *et al* fazem um balanço da importância de sua existência para o estudo desse bioma. O último trabalho dessa seção traz a reflexão de Rosângela Botelho e Andre Pelech sobre os caminhos percorridos, no IBGE, na construção de um mapeamento geomorfológico nacional e o desafio de compatibilizar metodologias de classificação com vistas à construção de um Sistema Brasileiro de Mapeamento Geomorfológico.

A segunda seção, que traz os artigos submetidos pelo fluxo regular, é aberta pelo artigo de nosso homenageado, o professor Jose Manuel Mateo Rodríguez, da Universidade de Havana, ao lado de Raul Sanchez Vicens, da Universidade Federal Fluminense, e Felipe Mendes Cronemberger, do IBGE. Os três pesquisadores propõem a construção de bases teórico-metodológicas para a identificação, delimitação, classificação e caracterização de paisagens físico-geográficas, tema ao qual o professor Mateo vinha se dedicando de forma sistemática nos últimos anos. Segue-se artigo da professora Gisela Pires do Rio, do departamento de Geografia da UFRJ, em que a pesquisadora aborda questões relevantes para o debate contemporâneo acerca da gestão de águas, particularmente a noção de território-sistema, tendo como ponto de partida a recente crise de abastecimento de 2014-2015. Na sequência temos um artigo de três técnicos da casa envolvidos com estudos urbanos. Maria Monica O'Neill, Maurício Gomes da Silva e Mauro Sérgio de Souza discutem modalidades do conceito de interações espaciais, particularmente a integração e a articulação, e apresentam exemplos de sua aplicabilidade em estudos urbanos desenvolvidos no âmbito da Coordenação de Geografia do IBGE. Em seguida, temos o estudo de Margaux Hildebrandt Vera e Márcio Rogério Silveira, da Universidade Federal de Santa Catarina, sobre o papel do capital imobiliário na criação de novas centralidades e na verticalização do espaço metropolitano de Florianópolis.

O último trabalho dessa edição traz um ensaio do professor Roberto Lobato Corrêa, geógrafo brasileiro que dispensa apresentação por sua extensa produção acadêmica, particularmente na área da geografia urbana. Nesse trabalho ele apresenta algumas reflexões acerca das relações entre geografia espaço e tempo.

A capa desse número foi produzida sob encomenda por um funcionário da casa, geógrafo, economista e designer.

Conselho Editorial da RBG